

A longevidade de Spartacus



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO***

Do livro Spartacus de Howard Fast ao filme dirigido por Stanley Kubrick e estrelado por Kirk Douglas

Para quem viveu há dois mil anos e deixou como rastro apenas fiapos de alusões em textos latinos, Spartacus, o líder de uma rara revolta de escravos na Antiguidade, dá mostras de impenitente vitalidade.

Sua merecida semantização como ícone libertário tem muito a ver com isso. Mesmo contando com o Haiti e certos levantes anticolonialistas, mais Palmares e outros quilombos, não são tantas assim as insurreições de escravos bem sucedidas em toda a história – apesar de esta ter sido aniquilada a ferro e fogo. E com o reforço de muitas crucifixões, essa sentença de morte infamante que era o suplício predileto de Roma.

Um encontro feliz deu-se entre Spartacus e um comunista tão renitente quanto desabusado, o americano Howard Fast (1914-2003), ganhador do Prêmio Stalin da Paz. Basta ver o título que deu a sua autobiografia: *Being red*. Só abdicaria de sua fidelidade após o XX Congresso do Partido Comunista, que denunciou os crimes de Stalin, em 1956. Vítima do macarthismo no início da Guerra Fria, recusou-se a delatar companheiros e foi condenado a três meses de prisão por desacato. Ali começou a escrever a história de Spartacus, publicada por ele mesmo em 1951, pois, devido à caça às bruxas, nenhuma editora teve a hombridade de bancá-lo.

Os comportamentos indignos foram tão numerosos nessa época que Lillian Hellman daria a seu livro de memórias o título de *O tempo dos patifes*. Ela viveu tudo isso de dentro, pois seu companheiro Dashiell Hammett, reputado autor de romances policiais como *O falcão maltês* e *Seara vermelha*, foi um dos que recalcitraram e curtiram cadeia. Ele é o criador do detetive Sam Spade, vivido por Humphrey Bogart nas telas.

O livro *Spartacus* conta a biografia romanceada do escravo gladiador que desafiou o Império Romano durante muitos anos, conseguindo alastrar a insurreição e derrotando, segundo os cronistas contemporâneos, nove legiões, a partir de 71 a. C.

Howard Fast foi prolífico autor de best-sellers, sem maior expressão, mas que vendiam bastante. Sua lista de títulos é infindável, pois escreveu romances, contos, livros históricos, manuais e até policiais. Nestes, usou pseudônimos, chamando-se E. V. Cunningham em duas séries campeãs, uma com nomes de mulheres e outra com o detetive Masao Masuto, de Beverly Hills. Fez de tudo na vida e foi roteirista de mini-séries de TV.

Outro encontro feliz deu-se com Aram Khachaturian, compositor russo de origem armênia. Só mesmo na União Soviética poderia surgir um balé, belíssimo como esse, em honra do insubmissô escravo, um herói proletário. O balé estreou em 1954, ganhou o Prêmio Lênin e teve grande sucesso, passando a figurar nos repertórios de todo o planeta. Como destaque, foi dançado entre nós pelo Bolshoi no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Seu *adagio*, linda melodia romântica que dá vida aos amores do protagonista, acabou se tornando uma canção independente, gravada por inúmeros artistas em

a terra é redonda

diversos arranjos e idiomas.

Por sorte, o ator hollywoodiano Kirk Douglas apaixonou-se por Spartacus e manteve acesa a chama da saga do escravo, que levaria avante e produziria no cinema, vivendo ele mesmo o protagonista. No livro de memórias *I am Spartacus*, o ator conta que fez questão de contratar o roteirista Dalton Trumbo. O filme é de 1960.

Mais um encontro auspicioso deu-se com Stanley Kubrick, que mal encetava sua brilhante carreira. Um dos maiores diretores que o cinema já teve, assinou obras marcantes como *Dr. Fantástico*, *Laranja mecânica*, *O iluminado*, *2001 - Uma odisseia no espaço*, *Lolita* etc. O filme estourou nas bilheterias e é reprisado até a atualidade. O roteiro, como vimos, foi entregue a um célebre escritor de Hollywood, também figurando na lista negra, Dalton Trumbo, integrante do Grupo dos Dez, formado por diretores e roteiristas que se recusaram a delatar colegas. Por isso, amargou 11 meses de prisão. Escreveria uma quantidade de roteiros com nomes falsos. E ganharia um Oscar sob pseudônimo, que não pôde receber pessoalmente, é claro. Preferiu morar no México e pacientar, até ser reabilitado.

O filme recebeu quatro Oscars e vários outros prêmios, como Globo de Ouro, Bafta etc.

E assim Spartacus foi ganhando sobrevida.

***Walnice Nogueira Galvão** é professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de [Lendo e relendo \(Sesc|Ouro sobre Azul\)](#). [amzn.to/3ZboOZj]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)